

# Ulysses e Aureliano decidem dar apoio a Sarney

## Firmam pacto para manter a Aliança Democrática e acelerar os trabalhos da Constituinte

### PMDB confia na política econômica

O líder do governo e da maioria na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, disse ontem, após deixar o gabinete presidencial, que existe uma clara diferença entre as diretrizes do PMDB e a ação governamental, mas ressaltou que a comissão executiva do partido confia que a médio e a longo prazos a atual política econômica apresente resultados positivos. Isso representa uma posição de confiança no trabalho que vem sendo desenvolvido pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Carlos Sant'Anna disse que a manifestação dos governadores do Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco; de São Paulo, Orestes Quercia; de Minas Gerais, Newton Cardoso; e de Mato Grosso do Sul, Marcelo Miranda, "contrasta" com a posição da diretoria executiva nacional do partido, já que na última reunião foi hipotecado o apoio a Funaro, ao contrário dos governadores que pediram a sua demissão, prejudicando, inclusive, as negociações da dívida externa.

Sant'Anna acha que a diretoria executiva deve novamente se reunir para hipotecar apoio a Funaro — condenar a posição dos governadores — ou tomar outra decisão. Apesar das pequenas diferenças existentes entre a ação do governo e as diretrizes do partido, ele lembra que houve o apoio à política econômica e financeira, especialmente no que diz respeito à negociação da dívida externa. Mas, ele lembra que existe uma parcela dentro do PMDB que acha que houve um distanciamento muito grande entre a questão dos juros e da inflação. Essa questão, juntamente com outros temas polêmicos, como a duração do mandato do presidente José Sarney, o regime do governo, o papel do Estado na economia, a reforma tributária, a reforma agrária e o papel das Forças Armadas, entre outros, será debatida a partir de segunda-feira próxima, em reunião com grupos de parlamentares do PMDB. A ideia, de acordo com Sant'Anna, será reunir no máximo 30 parlamentares de cada vez, inclusive grupos regionais.

Os governadores também serão ouvidos, de acordo com a posição de cada um. O governador Quercia deve ser ouvido, citou Sant'Anna, na questão municipalista, já que ele mantém um certo controle sobre os prefeitos.



Arraes: apoio firme

### Arraes rejeita bloco e cobra ação concreta

Recife — O governador Miguel Arraes disse ontem, em entrevista, que não pretende fazer parte de nenhum bloco de governadores para cobrar do Presidente da República o afastamento ou da manutenção deste ou daquele Ministro, por entender que o mais importante do que os nomes que ocupam os ministérios é a política que cada uma dessas pastas deva pôr em prática em benefício da população. Segundo Arraes, o que o Governo Federal deve fazer é definir uma política econômica e que não implique a transferência de capitais para o exterior, acima dos limites que o País deve pagar, e combater com firmeza a especulação financeira interna, sobretudo as elevadas taxas de juros.

São essas as medidas que devem ser tomadas. Agora, quem deve fazer isso cabe ao Presidente da República definir, acrescentou.

JARBAS — O prefeito Jarbas Vasconcelos (PMDB) defendeu ontem que é hora do seu partido ajudar o presidente José Sarney a solucionar os problemas econômicos e sociais do País, a menos que ele desperdice esse apoio. Jarbas disse que é muito importante o apoio do PMDB ao Presidente para que o País caminhe em busca de soluções para a crise econômica e social. Segundo o prefeito do Recife, não é querendo a saída de José Sarney ou "arrancando a cabeça" do Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que se vai resolver os problemas nacionais. Ele acha que o Governo está merecendo críticas contundentes, mas o essencial nessa hora é ajudá-lo a superar o momento de crise.

Ele defendeu também a realização de eleições diretas para Presidente no próximo ano, desde que Sarney consiga conduzir a política e a economia brasileira com firmeza e determinação. Caso contrário, Jarbas acha que devem haver eleições presidenciais ainda este ano.



Ulysses e Aureliano lutam contra desestabilização do governo Sarney, pacificando a Aliança



### Governadores da Amazônia garantem apoio

GUILHERME SOARES  
Enviado Especial

Porto Velho — Apoio total ao presidente Sarney. Esta a disposição dos nove governadores estaduais e de territórios da Amazônia Legal ao expressarem ontem, reunidos nesta capital, preocupação com a crise, "que não foi criada pela Nova República, mas deixada pela ditadura militar", como afirmou o governador de Mato Grosso, Carlos Bezerra, porta-voz do grupo. Os governadores vão procurar na próxima semana o presidente Sarney, no Palácio do Planalto, para manifestar solidariedade ao seu Governo.

A intenção dos governadores era manter audiência ainda hoje com o presidente José Sarney. Todavia, segundo Jerônimo Santana, governador de Rondônia, que telefonou ontem para Brasília, o presidente quer evitar um confronto entre os governadores da Amazônia Legal e os quatro governadores (Orestes Quercia, Newton Cardoso, Moreira Franco e Marcelo Miranda), que na semana passada pediram a cabeça do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e uma reforma ministerial já.

Queremos ajudar na solução dos problemas do País e colocar a posição de apoio irretrito ao presidente Sarney na hora de grave crise. O Presidente tem total liberdade para comandar o País e tirar-lo da crise — anunciou Carlos Bezerra a posição conjunta adotada durante reunião reservada entre sete governadores e dois representantes estaduais, no segundo

encontro dos governadores da Amazônia Legal.

Quase duzentas pessoas se apertaram pela manhã no auditório do Tribunal de Contas de Rondônia, cenário da reunião, para ouvir o relato do governador Carlos Bezerra.

Não pretendemos continuar no ostracismo. Estamos preocupados com a descentralização do poder, a reforma dos organismos regionais, principalmente a Sudam — revelou Carlos Bezerra, à intenção dos governadores da região de sair do costumeiro silêncio. Eles decidiram criar, ontem, o Instituto Superior dos Estudos da Amazônia (Iseia), com sede em Manaus, para mostrar também que "nós estamos preocupados com os nossos próprios problemas", informou Bezerra. "A Amazônia não é composta de trogloditas ou selvagens", completou.

Novas reuniões estão marcadas: dentro de 30 dias em Cuiabá e daqui a dois meses em Belém. A ideia é demonstrar unidade política e de ação, para dar "total ajuda para a superação da crise", explicou Bezerra. Sempre que necessário, os governadores vão se manifestar politicamente — esta foi uma das táticas do encontro de ontem.

Além de Carlos Bezerra, participaram da reunião os governadores Amazonino Mendes (Amazonas), Flaviano Mello (Acre), Hélio Gueiros (Pará), Jerônimo Santana (Rondônia), Getúlio Cruz (Roraima) e Jorge Nova da Costa (Amapá), mais o vice-governador do Maranhão, João Alberto de Souza.

### Carta branca para mudar

Porto Velho — (Do Enviado Especial) — O presidente Sarney ganhou carta branca para mudar o ministério à vontade. Os governadores da Amazônia Legal querem deixar o Presidente livre para "as modificações que considerar necessárias", declarou o governador do Amazonas, Amazonino Mendes. Segundo ele, durante a reunião não foi discutida a questão do mandato presidencial.

Apesar de dizer o contrário — "Não estamos confrontando o posicionamento dos governadores do Sul" — Amazonino condenou a reunião de quarta-feira passada, em São Paulo, porque criou um "clima de insegurança e instabilidade, gerando uma crise desnecessária. Queremos dar condições para que Sarney maneje seu ministério", informou.

Pessoalmente, acho que o Ministério da Fazenda precisa apresentar urgentemente um plano econômico em que a nação possa acreditar — opinou o governador do Amazonas, ao ressaltar: "Não sou contra ninguém". O recado é claro.

Sarney deve ter liberdade para mudar o ministério, ignorando as pressões diretas dos governadores liderados pelo paulista Orestes Quercia.

Amazonino acredita que o "apelo irretrito" a Sarney é necessário porque o Presidente representa a "instituição democrática", que garante a transição do velho para o novo regime político. Ele defende um mandato de cinco anos para Sarney, lembrando que a questão deverá ser decidida pela Assembleia Nacional Constituinte.

A reunião de São Paulo foi realizada em momento inoportuno, porque o País passa por momento difícil, e o Presidente precisa de apoio para tentar superar a crise. A opinião é do governador do Acre, Flaviano Mello, que está de acordo com as mudanças que Sarney julga necessárias. O governador Jorge Nova, do Amapá, recordou que a ideia de apoio ao Presidente nasceu no primeiro encontro dos governadores da Amazônia Legal, dia 13 de fevereiro, em Manaus.

### Gueiros defende Funaro

Porto Velho (Do Enviado Especial) — "Patrão de Funaro é o presidente da República e, nesse momento, deve ser dado crédito de confiança ao Presidente e ao Ministro. Eu ficaria muito irritado se quatro ou cinco prefeitos pedissem mudanças no meu secretariado", disse o governador do Pará, Hélio Gueiros.

Os quatro governadores que lhe pediram a cabeça do ministro da Fazenda "não tinham autorização para atuar como nossos procuradores", acusou Gueiros.

"A iniciativa não foi inteligente e ganhou a nossa antipatia. Não me convidaram e eu não gostei. Eles foram bancar os fortes e ultrapassaram o pre-

### Paranaense quer em 88, as diretas

Da Sucursal

Curitiba — A apuração dos votos de 50 dos 311 diretórios municipais do PMDB no Paraná, que no domingo foram às urnas para apontar o mandato ideal do presidente José Sarney, vem confirmando o resultado das primeiras urnas abertas em Curitiba: 80 por cento dos peemedebistas paranaenses querem eleições já no próximo ano, reduzindo para quatro anos o mandato do presidente Sarney. Hoje, o presidente do Diretório Regional do PMDB, deputado Maurício Fruet, deverá divulgar o resultado geral do Estado, mas ele não acredita que essa média se altere.

Ao todo, participaram da consulta do PMDB mais de 12 mil paranaenses, entre membros dos diretórios, notáveis do partido e alguns simples eleitores, graças à iniciativa de diretórios como o de Ipiranga, que abriu a votação à população em geral. A participação maciça dos peemedebistas na consulta, cerca de 70 por cento dos membros dos diretórios, surpreendeu o deputado Maurício Fruet, principalmente por não ter sido precedida de nenhuma grande campanha. "Foi um voto espontâneo", disse o deputado.

Isso animou o PMDB paranaense a promover novas consultas a suas bases sobre novos temas polêmicos que serão discutidos na Constituinte. Maurício Fruet levou ao diretório regional proposta de realizar, no mínimo, uma consulta mensal, com temas como parlamentarismo versus presidencialismo, voto distrital e obrigatoriedade do voto.

### Mandato do Presidente é secundário

Manaus — O vice-governador de São Paulo e ex-ministro do Trabalho no governo João Goulart, Almino Afonso, defendeu ontem uma "revisão profunda na equipe ministerial", por entender que "não é só o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que está sendo criticado". Almino quer um ministério que "crie diante do País, a expectativa de uma coisa nova, portanto, de compromissos novos".

O vice-governador paulista acha que a situação socioeconômica do País "cavou" muito o prestígio do presidente José Sarney nos últimos dois meses, havendo necessidade, segundo ele, de o povo voltar a respaldar o governo na execução de seus planos. E a única forma de o presidente recuperar o seu prestígio, "ainda que seja através do mecanismo psicológico, é fazer uma revisão profunda no seu ministério", sugere Almino.

"Eu não vejo a necessidade de um plebiscito. Eu acho, que esta é uma questão política que tem que ser analisada, tendo em vista as várias implicações dessa medida". Com essa argumentação, o vice-governador descartou a possibilidade de os peemedebistas de São Paulo realizarem um plebiscito para definir sua posição em torno da duração do mandato do presidente José Sarney, contrariando a prática que vem sendo adotada pelos peemedebistas do Paraná.

Um programa de emergência de custeio e investimentos para recuperar a economia. Esta é a mensagem prática que vai ser levada pelos governadores da Amazônia Legal ao presidente Sarney nas próximas semanas. E, na verdade, uma tocha dá cá: apoio político em troca de apoio financeiro. Estados com dimensão territorial pequena como o Acre e Rondônia não sofrem os efeitos do decreto-lei que dá à União a posse das faixas de terra às margens das rodovias federais. A BR-364, que liga os dois Estados, traz facilidades econômicas de abastecimento e desenvolvimento, mas rouba 100 quilômetros dos dois lados da pista.

O presidente do PMDB e da Assembleia Constituinte, deputado Ulysses Guimarães (SP), e o ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, acertaram, em encontro reservado, dar todo apoio ao presidente José Sarney para enfrentar as dificuldades atuais, especialmente as econômicas.

Ulysses e Aureliano concordaram, também, em que a Aliança Democrática deve ser mantida até a promulgação da Constituição, cuja votação precisa ser acelerada. O rompimento entre o PMDB e o PFL, neste momento, seria prejudicial às instituições, com consequências imprevisíveis para o processo de transição.

### CONTENÇÃO

A posição do ministro Aureliano Chaves já está tendo seus reflexos no PFL. O líder do partido na Câmara, deputado José Lourenço (BA), frisou ontem que acima dos interesses do PFL estão, naturalmente, os do País e os da estabilidade democrática. Por este motivo, o PFL apoia e continuará apoiando o

presidente José Sarney. Crítico veemente do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, o líder do PFL não está mais insistindo em sua demissão, como fazia há uma semana. Apesar de convencido de que Funaro fracassou em sua política econômica, causa principal do desgaste do presidente Sarney, Lourenço não pretende fazer novas declarações a respeito para não agravar as dificuldades.

O próprio ministro Aureliano Chaves, que denunciou o Plano Cruzado como eleitoreiro, suspendeu as suas críticas aos ministros da área econômica. Compreendendo a gravidade da situação, Aureliano considerou como antipatriótica as atitudes dos governadores de São Paulo e Minas Gerais que solicitaram a demissão do ministro da Fazenda que se encontrava nos Estados Unidos negociando o reescalonamento da dívida.

### ACOMODADO

Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves, que se encontraram no sábado na casa do ministro,

## "Militares cumprem seu dever"

O presidente do PMDB, da Câmara e da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães, disse ontem que "os militares têm cumprido maravilhosamente o seu papel para que prospere a democracia neste País".

Segundo Ulysses, "eles têm dado uma contribuição inestimável para a consolidação do regime democrático". O presidente do PMDB classificou o almoço de domingo com os ministros militares como "um encontro entre amigos", e brincou que "eles não foram lá em casa para fazer nenhum balanço, mesmo porque lá não tem balanço para ninguém ficar balançando".

Ulysses garantiu que a palavra golpe não foi pronunciada durante o encontro que teve em sua casa, no domingo, com os ministros militares: "Essa palavra é uma especulação, essa palavra é um bobagem e sequer foi proferida na reunião".

### COM SARNEY

Ontem, Ulysses almoçou com o presidente Sarney no Palácio da Alvorada e, juntos fizeram, uma análise da situação do País. Ulysses comunicou ao

Presidente da República também o resultado do encontro que manteve sábado à noite com o ministro Aureliano Chaves.

ves, quando decidiram dar todo o apoio a Sarney. O presidente do PMDB informou ainda que o partido reafirmou seu apoio ao ministro da Fazenda, Dilson Funaro, na condução das negociações da dívida externa.

Ulysses disse ao presidente Sarney que no encontro com Aureliano ficou acertado que a solução para a séria crise econômica vivida pelo País passa pelo fortalecimento político do Presidente da República, através da reativação da Aliança Democrática.

Depois do almoço de ontem no Alvorada, Ulysses assegurou que "o presidente José Sarney tem no ministro Dilson Funaro um ministro competente, devotado e corajoso que já demonstrou, apesar das dificuldades, que é um bom negociador. O Presidente está prestigiando o ministro Funaro para que ele resolva os problemas da sua área".

### MINISTÉRIO

"A reforma ministerial é assunto do Presidente da República, na hora que ele abrir o processo, o partido vai jogar suas fichas. Mas não nos cabe abrir esse processo, ainda mais num momento de tantas dificuldades, por tenho certeza de que é pior fazer mudanças em meio a tempestades".

## Assegurar a transição é a meta

O deputado Ulysses Guimarães e o ministro Aureliano Chaves chegaram à conclusão de que se faz necessário prestigiar a Aliança Democrática para fortalecer dois polos importantes no atual momento nacional — o Presidente da República, como principal promotor da transição democrática, e a Assembleia Constituinte, sem a qual não se completará o projeto de redemocratização do País.

Ulysses Guimarães deu conta desse entendimento, no almoço social que promoveu domingo, em sua residência da Península, com políticos e os ministros Henrique Sabóia (Marinha), Moreira Lima (Aeronáutica) e Ivan Mendes (SNI), mas numa reunião, sábado à noite, que se poderia classificar como verdadeiro estado-maior do PMDB, quando se falou, ainda, da questão da duração do atual mandato presidencial.

Participaram da reunião de sábado à noite na casa de Ulysses os ministros Raphael de Almeida Magalhães (Previdência) e Renato Archer (Ciência e Tecnologia), bem como os deputados Prisco Viana (BA), Cid Carvalho (MA), Egídio Ferreira Lima (PE), Arthur da Távola (RJ), Luiz Henrique, líder do PMDB na Câmara, Euclides Scalco (PR), vice-líder de Mário Covas na Constituinte, o senador Jutahy Magalhães e seu filho, o deputado Jutahy Magalhães Filho.

Houve uma censura geral à reunião do Palácio dos Bandeirantes, quando se reclamou, acima do partido, uma reforma ministerial e, em particular, a substituição de Funaro. Em primeiro lugar, pelo fato de Funaro estar negociando a dívida externa em nome do País.

Em segundo lugar, porque se tratava de uma atitude isolada, visando interesses de grupos — no caso os quatro governadores — e ao arripio de decisão adotada quarta-feira da semana pas-

sada pela bancada do PMDB na Constituinte, de apoio ao ministro da Fazenda, depois de igual manifestação adotada no mesmo sentido pela executiva nacional.

E finalmente, a média dos presentes concluiu que a manifestação dos quatro governadores, na reunião promovida por Quercia, era motivada pela necessidade de ocupar espaço e prestar serviço, estando ainda preocupada com a futura sucessão presidencial. De um modo geral todos acharam a manobra primária e precipitada.

A esse respeito, Ulysses Guimarães informou do entendimento que teve, naquele mesmo sábado, com o ministro Aureliano Chaves, presidente de honra do PFL. Ambos concluíram pela necessidade de PMDB e PFL atuarem no sentido de fortalecer o presidente Sarney e a Constituinte. Ulysses revelou que, segundo Aureliano, a manifestação dos governadores não fora contra PFL ou PMDB, nem mesmo contra o ministro da Fazenda, mas contra o Brasil, cujos interesses eram representados, naquela ocasião, pelo ministro Dilson Funaro.

Todos consideraram a manifestação do Palácio dos Bandeirantes um desserviço ao Presidente da República — a quem pretendia servir — ao partido e ao País. Esta a razão por que houve consenso quanto à necessidade de união na Aliança Democrática para prestigiar o presidente Sarney e a Assembleia Nacional Constituinte.

### O MANDATO DE SARNEY

A duração do mandato do presidente Sarney ocupou boa parte do tempo da reunião de sábado à noite na residência de Ulysses. O ministro da Previdência, Raphael de Almeida Magalhães, fez uma longa exposição analítica, sustentando que a causa principal das desconfiadas nas relações do Presidente da República com o PMDB estava, sem dúvida, na indefinição do partido a respeito da du-

acham, também, que a discussão da Constituinte deve ser centralizada sobre temas de importância fundamental, deixando para depois os aspectos puramente políticos.

Concordaram, também, em que antes de ser analisada a duração do mandato do presidente José Sarney deve ser definido o regime de governo, se parlamentarismo, presidencialismo ou um sistema misto. Aureliano e Ulysses são favoráveis a que o mandato seja, como princípio geral, de quatro ou cinco anos. O de Sarney é peculiar.

Essa posição de apoio ao presidente da República, evitando-se a divisão da Aliança Democrática, é defendida pela maioria da bancada do PFL no Senado. Há dias, o senador Hugo Napoleão (PFL-PI), frísou, da tribuna, que seu partido tinha a preocupação com a transição democrática e a consciência de que o presidente da República necessitava de ajuda neste período de dificuldades. Ele recebeu apertes solidários de todos os senadores do PFL que se encontravam em plenário.

A observação foi feita ontem, pelo líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique, a respeito das mudanças ministeriais pregadas pelos governadores de São Paulo, Rio, Mato Grosso e Minas e que, na sua opinião, é um episódio superado dentro do PMDB.

Ele acha que se não houver novos desdobramentos, não há porque reunir a executiva do PMDB para se posicionar sobre a questão, uma vez que a esse órgão cabe falar pelo partido e já foi declarado apoio à condução da política econômico-financeira e na negociação da dívida externa empreendida pelo ministro Dilson Funaro. O líder peemedebista acha normal manifestações como aquelas num partido grande como o PMDB: "E até salutar".

Também o líder do Governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), acredita que os acontecimentos devem ser aceitos de forma natural porque são parte do processo democrático. Todavia, ressaltou que a manifestação só assumiu maior importância porque ocorreu logo após o PMDB dar apoio a Funaro através da nota de sua executiva. Embora ache que os conflitos

façam parte da vida do partido, Sant'Anna defendeu a necessidade de um esforço maior para compatibilizar as divergências.

ração do atual mandato presidencial.

O deputado Prisco Viana, amigo pessoal de Sarney, secundou o ministro da Previdência, encarecendo a necessidade de uma definição do PMDB a respeito do tema delib...

O deputado Ulysses Guimarães portou-se como verdadeiro magistrado, deixando de analisar detalhes do tema tratado. Disse apenas que considera o mandato de seis anos muito longo, não chegando a opinar se deve ser de quatro ou de cinco anos.

O deputado Egídio Ferreira Lima e o senador Jutahy Magalhães sustentaram que o PMDB não deve se definir precipitadamente a respeito da duração do mandato do atual Presidente. Ambos manifestaram a opinião de que este é um problema que terá solução a seu tempo, isto é, quando a Assembleia Nacional Constituinte tiver que tomar uma decisão a respeito.

Quanto à manifestação dos quatro governadores, semana passada, em São Paulo, a opinião dominante na reunião da noite de sábado na casa de Ulysses é que o fato tende a ficar circunscrito em face da posição adotada por vários outros governadores em defesa da linha partidária, a começar por Miguel Arraes, Pedro Simon e Waldir Pires.

Importantes parlamentares do PMDB que participaram do encontro acham que Ulysses Guimarães resolveu armar uma contra-ofensiva diante dos insucessos que sofreu ultimamente — a eleição de Mário Covas, sua marginalização na organização das comissões e sub-comissões da Constituinte, a derrota de Pimenta da Veiga para Bernardo Cabral na disputa pela relatoria geral da Comissão de Sistematização, a manifestação dos quatro governadores e a sua ausência nas conversações que promove Sarney com 'istas a uma nova reformulação ministerial.

## Vidigal condena as pressões

O vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Luiz Eulálio Bueno Vidigal Filho, considerou destrutiva a atitude dos governadores Orestes Quercia (São Paulo), Moreira Franco (Rio de Janeiro), Newton Cardoso (Minas Gerais) e Marcelo Miranda (Mato Grosso do Sul) que pediram a saída do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, na semana passada.

Vidigal Filho justificou a sua opinião afirmando que governadores ou qualquer outra autoridade que escolhem livremente os seus auxiliares não devem

pressionar o Presidente da República para mudanças no ministério. Nesta hora em que estabilidade é fundamental para que o empresariado trabalhe, pressões deste tipo contribuem para aumentar ainda mais a dúvida.

### INSTABILIDADE

O vice-presidente da CNI teme, ainda, a continuidade da instabilidade momentânea porque é a pior situação possível para o empresário. Ele frisou que todos devem entender que se a política econômica adotada pelo presidente Sarney não der certo a responsabilidade é toda dele. Se os auxiliares escolhidos

não estão correspondendo, a responsabilidade não é deles, e sim do Presidente. "Não podemos confundir isto", alertou.

O empresário esteve ontem à tarde com o ministro da Fazenda para tratar da liberação de pagamentos dos contratos assinados entre Governo e empresários, até agora não quitados, principalmente da construção civil. Ele salientou que com a arrecadação do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND) — alimentado pelo pagamento de depósito compulsório com a venda de passagens aéreas internacionais — automóveis e combustíveis — a quitação poderá ser feita com mais facilidade.